

ISOP - INSTITUTO SUPERIOR DE ESTUDOS E PESQUISAS PSICOSSOCIAIS - EDITORA DA FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS

TEXTOS

DO CENTRO DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM PSICOLOGIA

HISTÓRIA DA PSICOLOGIA

**Apontamentos sobre as Fontes
e sobre Algumas das Figuras
mais Expressivas da Psicologia
na Cidade do Rio de Janeiro (IV)**

**Gonçalves Magalhães
e a Psicologia**

**Nilton Campos
e a Divulgação do Método
Fenomenológico e do
Gestaltismo**

Antonio Gomes Penna

P/ISOP
CPGP

T
7



7

I S O P

Instituto Superior de Estudos e Pesquisas
Psicossociais

Centro de Pós-Graduação em Psicologia

DUPLICATA

HISTÓRIA DA PSICOLOGIA

Apontamentos sobre as fontes e sobre algumas das
figuras mais expressivas da Psicologia na Cidade do
Rio de Janeiro (IV)

Gonçalves Magalhães e a Psicologia
Nilton Campos e a divulgação do
Método fenomenológico e do gestaltismo

ANTONIO GOMES PENNA

Rio de Janeiro

1987

TEXTO DO CENTRO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Nº 7 - 1987

EXPEDIENTE

Diretor: Franco Lo Presti Seminério
Coordenador: Athayde Ribeiro da Silva
Montagem: Lídio Antonio Chagas

É vedada a reprodução total ou parcial desta obra.
Copyright (c) do autor)

Ficha Catalográfica

Penna, Antonio Gomes, 1917

História da psicologia: apontamentos sobre as fontes e sobre algumas das figuras mais expressivas da psicologia na Cidade do Rio de Janeiro (IV): Gonçalves Magalhães e a psicologia: Nilton Campos e a divulgação do método fenomenológico e do gestaltismo/Antonio Gomes Penna. - Rio de Janeiro: ISOP, Centro de Pós-Graduação em Psicologia, 1987.

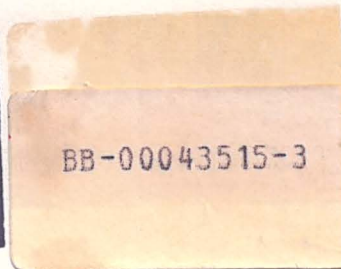
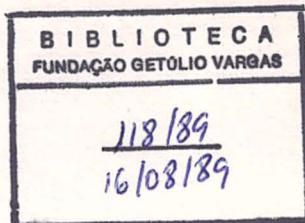
22 p. - (Textos do Centro de Pós-Graduação em Psicologia, 7)

Bibliografia: p. 22.

1. Psicologia - História - Fontes. 2. Araguaia, Domingos José Gonçalves de Magalhães, Visconde de, 1811-1812. 3. Campos, Nilton, 1898-1963. 4. Fenomenologia. 5. Gestaltismo. I. Instituto Superior de Estudos e Pesquisas Psicossociais. Centro de Pós-Graduação em Psicologia. II. Fundação Getúlio Vargas. Instituto Superior de Estudos e Pesquisas Psicossociais. Centro de Pós-Graduação em Psicologia. III. Título: Apontamentos sobre as fontes e sobre algumas das figuras mais expressivas da psicologia na Cidade do Rio de Janeiro. V. Título: Gonçalves Magalhães e a psicologia. VI. Título: Nilton Campos e a divulgação do método fenomenológico e do gestaltismo. VII. Série.

CDD - 150.9

CDU - 159.9



RC. 34804
ID 54270

S U M Á R I O

GONÇALVES MAGALHÃES E A PSICOLOGIA 7

NILTON CAMPOS E A DIVULGAÇÃO DO MÉ-
TODO FENOMENOLÓGICO E DO GESTALTISMO 16



| |
|-------------------------|
| BIBLIOTECA |
| FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS |
| 11/08/1964 |
| 11/08/1964 |

SUMÁRIO

CONCEITOS BÁSICOS E A PSICOLOGIA

NILTON CAMPOS E A DIVERSIDADE DO H-
TUDO FENOMENOLÓGICO E DO GESTALTISMO

APRESENTAÇÃO

O presente número está dedicado ao estudo das contribuições de Gonçalves de Magalhães sobre o problema das relações entre mente e corpo, e de Nilton Campos, sobre o método fenomenológico e suas aplicações na psicologia bem como o estudo e divulgação do movimento gestalista entre nós.

Antonio Gomes Penna

ABRILHATAÇÃO

O presente livro está dedicado ao estudo
das condições de trabalho da mulher e a
sua situação econômica, social e política,
e a sua participação na vida da comunidade.
Este livro tem como objetivo a divulgação do movimento
da mulher.

Antonio Gomes Faria

GONÇALVES DE MAGALHÃES - (VISCONDE DE ARAGUAIA) E A
PSICOLOGIA

A. G. Penna

Domingos José Gonçalves de Magalhães (Visconde de Araguaia) nasceu no Rio de Janeiro, em 13/08/1811. Estudou medicina no Colégio Médico-Cirúrgico do Hospital da Santa Casa de Misericórdia. Tão logo obtido o grau de médico - profissão que nunca chegou a exercer - realizou viagem de estudos à França. Lá, contudo, ao invés de se dedicar à medicina frequentou as aulas do curso de filosofia dado por Jouffroy no Colégio de França e se integrou no grupo que se revelava interessado em literatura. Foi muito influenciado, enquanto esteve no Brasil, pelo frei Francisco de Monte Alverne, pregador da capela real e figura que dominou o clima intelectual da corte no período que se estende de 1816 a 1836, dele recebendo a orientação espiritualista que abraçou. Tal orientação nele se reforça através da influência que, por igual, recebeu de Souza Caldas. Na França, conviveu intensamente com Araújo Porto Alegre, ex-aluno de Debret e que já se encontrava em Paris aperfeiçoando-se em pintura. Graças a Araújo Porto Alegre conhece, também, Garrett, cuja influência foi decisiva no que concerne à adoção do romantismo. Tal orientação também marcou Torres Homem que o ajudou a fundar, em 1836, juntamente com Araújo Porto Alegre, a revista brasiliense denominada "Niterói", através da qual pretendeu promover a nacionalização da literatura brasileira. Precisamente é isso que se ressalta de seu trabalho intitulado "Discurso sobre a História da Literatura do Brasil", publicado no primeiro número da revista. Nele sublinha Gonçalves de Magalhães o fato de que "cada povo tem sua literatura própria, como cada homem seu caráter particular". Deplora, ainda, o sentido negativo da influência clássica recebida de Portugal, influência que "teria sufocado a plena afirmação da arte brasileira, aberta à inspiração do meio tropical e da raça nativa (elementos brasileiros) e do sentimento religioso (que julgava essencial ao novo estilo)" (J.G.Merquior, 1977, pag. 59).

Retornados ao Rio os três fundadores da "Niterói", já agora com a adesão de Januário da Cunha Barbosa, Dutra e Melo, Santiago Nunes Ribeiro, Teixeira e Souza e Joaquim Manuel de Macedo, lançam outro jornal de cultura, denominado "A Minerva Brasileira" (1843/5). Logo adiante, Porto Alegre, Macedo e Gonçalves Dias fundam a terceira revista: "A Guanabara" (1850/55). Como assinala Merquior, os colaboradores da "Niterói", da "Minerva" e da "Guanabara" constituem o nosso primeiro grupo romântico. Ainda como observa Merquior, Gonçalves de Magalhães domina o ambiente nacional durante o período que se estende desde a fundação da "Niterói", ou seja, desde 1836 até a divulgação no Brasil dos "Primeiros Cantos" de Gonçalves Dias, em 1847.

Graças ao prestígio literário que alcançou foi Gonçalves de Magalhães indicado para secretariar o Duque de Caxias na Campanha contra a Balaiada e na Guerra dos Farrapos. Posteriormente, ingressou na diplomacia, tendo representado o Brasil em Nápoles, Florença, São Petersburgo, Madrid, Viena, Washington, Buenos Aires e Roma. Ivan Lins elogia-lhe a habilidade com que se houve em Roma, junto ao Papa, pois tal missão lhe foi confiada no momento mesmo em que no Brasil se vivia a questão dos bispos.

Suas duas obras literárias mais importantes foram "Suspiros e Saudades" (1836) e "A Confederação dos Tamoios", composta em dez cantos. Essa epopéia indianista é apresentada por Merquior como "integrada de dez prolixos cantos, em versos geralmente soltos, de estrofação livre, ou melhor, caótica" (Merquior, p.61) e mereceu críticas severas de José de Alencar.

Embora considerado poeta de recursos limitados, sem dúvida ganha Gonçalves de Magalhães, a auréola de fundador do nosso romantismo, além de ter assumido posições extremamente positivas como, por exemplo, a da exaltação do indianismo e da do combate à escravidão.

Entretanto, o Gonçalves de Magalhães que nos interessa é o psicólogo. Claro que não descartamos o filósofo, até porque, na defesa de sua posição espiritualista, antecipou-se a Bergson, como se pode ver em sua "A alma e o ce-

rebro", nas páginas 24 e 66, quando afirma que as lesões do cérebro podem "perturbar o juízo, sem que essa faculdade seja uma função cerebral", tese que, em outros termos e com uma extraordinária mobilização de leituras neuro-patológicas, Bergson defende em 1896 em "Matière et Memoire", especialmente quando examina a questão da linguagem.

Espiritualista foi Gonçalves de Magalhães influenciado por Victor Cousin, Maine de Biran e Jouffrouy. Seu compromisso idealista, no melhor estilo de Berkeley, nós o registramos em sua obra "Fatos do Espírito Humano", editado em Paris, em 1858 e logo seguida de uma tradução francesa publicada por H. Plon e considerada por Leonel França sua mais importante obra filosófica. Ivan Lins analisando-a por ocasião de sua posse na Academia Carioca de Letras, onde ocupou a cadeira de que Gonçalves de Magalhães era o patrono, critica-a acerbamente e transcreve alguns dos trechos mais expressivos de sua posição idealista. Escreve Gonçalves de Magalhães na transcrição feita por Ivan Lins: "Podemos concluir que todo este imenso universo sensível que nos parece substancialmente existir entre nós e Deus, só existe intelectualmente em Deus, como pensamentos seus, sem outra existência fora da inteligência mesma de Deus, que o pensou; que nada tem existência material fora de Deus; porque não há nada fora de Deus que seja material; tudo, absolutamente tudo é intelectual, tudo está e permanece em sua razão eterna, pela ação contínua do poder da sua infinita sabedoria...". E logo adiante; "Esse mesmo imenso universo um único, que só existe intelectualmente no espírito divino que o concebeu em toda a sua extensão, harmonia e beleza; esse universo único que o verbo poderia, se quisesse, fazer desaparecer em parte ou no todo, pensando outras coisas, se este seu querer fosse conforme à sua eterna razão; esse mesmo universo intelectual que está no pensamento de Deus, esse universo presente aos espíritos criados, não em sua totalidade e imensidade, mas como Deus julgou melhor que os homens o vissem, é o universo das nossas percepções externas, percepções que, como o demonstramos, encerram muitas intuições puras das coisas necessárias existentes em Deus" (páginas 351/353). E ainda: "Do que aqui fica demonstrado, podemos concluir que este universo sensível é uma reverberação do universo intelectual que existe no pensamento de Deus... Se deixasse a inteligên-

cia eterna de pensar este universo, ele desapareceria todo em um momento, e dele não ficaria um só átomo. ... Não parecerá agora extravagante pensamento se dissermos que o espírito não está no corpo e no espaço, mas sim que o corpo e o espaço estão intelectualmente no espírito, ou perante o espírito"... (páginas 360/3). E mais: "É certo que se todas as coisas estão intelectualmente em Deus e nos espíritos, porque fora de Deus e dos espíritos não há lugar para coisa alguma, de necessidade o espírito humano está em Deus. Mas o espírito humano não é um simples pensamento da inteligência eterna, que sem conhecer-se, se mova por determinações necessárias, que só exista intelectualmente em Deus, ou como objeto para outros espíritos, como o corpo existe para nós".

No que diz respeito à psicologia, Gonçalves de Magalhães em "Fatos do Espírito Humano" destaca a sua importância escrevendo à página 29: "A base e ponto de partida de todas as ciências filosóficas é a psicologia, da qual elas são ampliações. A psicologia lhes dá o elemento subjetivo e reconhece as condições necessárias e absolutas da razão, objetos da metafísica. As leis gerais dos fenômenos e de suas relações lhe são fornecidas pelas ciências empíricas. Se a filosofia só se ocupasse do ideal absoluto, ela seria uma ideologia abstrata, uma pura metafísica. Por outro lado, a psicologia seria toda a filosofia, se o sujeito pensante não soubesse da contemplação de si mesmo, se o eu espontaneamente não se distinguisse do não eu, se ao subjetivo não se opusesse o objetivo". O texto revela claramente uma postura psicologista e, no que se refere à importância da psicologia, antecipa de modo indiscutível o ponto de vista de Bergson.

A obra "A alma e o cérebro" apareceu em 1876 e foi dedicada a D. Pedro II que, inclusive, ouviu a leitura de alguns de seus capítulos ainda na fase de sua elaboração. Como o título indica, a questão central abordada ao longo de suas 414 páginas é a das relações entre a mente e o cérebro. Gonçalves de Magalhães centra-se essencialmente no exame da frenologia de Gall e pretende descartá-la. Sua posição confirma-se aqui como rigorosamente espiritualista. Não haveria como fundar-se o conjunto das atividades do es

pírito no cérebro. Nem haveria condições para se localizá-las como pretendeu Gall.

Pois, vale que se ressalte o fato de que publicada "A Alma e o cérebro" em 1876, já em 1877 publicava-se no Rio uma recensão extraordinariamente crítica e profundamente desfavorável. Assina-a um autor que se identifica apenas pelas iniciais A.B. . Editada pela tipografia Americana sob a forma de pequeno folheto, nela se censura desde a linguagem, definida como mais adequada a uma obra poética do que a um trabalho com pretensões científicas, até a temática centrada em Gall dado que ele já estaria a esse tempo totalmente ultrapassada. De resto, nenhum argumento novo estaria presente no trabalho criticado que, por outro lado, incidiria em grosseiros paralogismos. A B. exemplifica-os em sua crítica citando o argumento mobilizado contra o materialismo. Este seria falso porque conduziria inevitavelmente ao ateísmo, descartando-se, contudo, qualquer comentário capaz de comprovar a irrecusabilidade da posição deísta. Como observa A.B., Gonçalves de Magalhães certamente também dirá que o ateísmo é falso porque supõe ou conduz logicamente ao materialismo. A circularidade seria flagrante.

Entrementes, tudo indica que as críticas propostas por A.B. resultem de sua perspectiva filosófica que presumimos vinculada a Comte. Sua argumentação, de resto, não difere da que mais tarde encontraremos no discurso de posse de Ivan Lins. Também este revela-se extremante crítico em relação a "A alma e o cérebro" reprovando-lhe o modo superficial como trata a frenologia. Positivista, Ivan Lins teria que se manter fiel a Comte que, de fato, se mostrou muito simpático a obra de Gall. Na verdade considerou-a como marcando o início de uma psicologia científica. Conforme recorda Ivan Lins "mostra Magalhães não haver compreendido aquilo que tão cristalinamente salientou Augusto Comte ao apreciar a obra de Gall, vale dizer, que a teoria fisiológica do cérebro, como todas as teorias científicas, não é mais do que uma hipótese para explicar de modo positivo, isto é, acessível à investigação humana, as funções anímicas, cabendo às observações posteriores confirmá-la ou substituí-la por outra, que melhor corresponda aos novos dados adquiridos". (Ivan Lins, Caderno nº4, p.54). As críticas, quer de A.B.

quer as de Ivan Lins, ainda se justificam rigorosas pelo fato mesmo de Gonçalves de Magalhães se colocar na perspectiva dos ecléticos os quais, juntamente com os escoceses e os ideólogos foram vigorosamente combatidos por Comte como expressivos de uma posição antipositiva. Assinale-se que a posição de Ivan Lins especialmente no que concerne a Gall, na verdade, coincide com a que se expressa em Levy-Brühl quando este, em seu estudo sobre a filosofia de Augusto Comte mostra o exato significado do apreço de Comte por Gall. Escreve Levy-Brühl: "É Gall, que aos olhos de Comte, é o verdadeiro fundador da psicologia positiva. Qualquer que seja o valor de suas localizações - Comte não acreditava que fossem duradouras - Gall teve pelo menos o mérito de colocar o problema como ele devia ser posto e de apresentar uma solução precisa. De resto Gall não se limitou a localizar as diferentes faculdades em diferentes pontos do cérebro. Sua doutrina própria é precedida de uma excelente crítica dirigida contra a psicologia geralmente aceita no século XVIII". (Levy-Brühl). E mais adiante, a propósito da metodologia utilizada por Gall: "Para combater Condillac, Helvétius e os ideólogos, Gall se fundamenta na experiência, isto é, na fisiologia e na patologia mentais e ainda na observação de animais".

De qualquer forma, destaca-se Gonçalves de Magalhães ao publicar "A alma e o cérebro" como um pioneiro da psicologia em nosso país, não no sentido de produzi-la através de pesquisa própria, mas no sentido de sobre ela e sobre suas afirmações exercer a relevante função crítica. Neste particular realizou obra comparável a de Farias Brito, embora sem as dimensões que distinguem os trabalhos do filósofo cearense.

"A alma e o cérebro" compõe-se de um prólogo de cinco páginas e de vinte cinco capítulos. No primeiro, Gonçalves de Magalhães conceitua a psicologia como o estudo das faculdades intelectuais e morais do homem e a considera independente, quer do conhecimento prévio da natureza da substância que pensa, quer dos órgãos que as sirvam. Neste particular ela não se absorveria na fisiologia, conservando sua plena independência. Precisamente aqui se enseja uma crítica a frenologia pela subordinação que propõe do estudo

dessas faculdades ao conhecimento de supostos centros cerebrais. O segundo capítulo é dedicado ao estudo das possibilidades de uma ciência frenológica. Nele são apresentadas as objeções fundadas quer na própria organização do cérebro, quer nos fatos acumulados pela anatomia comparada, pela patologia e pela fisiologia experimental. Pois sobre esta questão, de resto central no livro, é que se afirma que Gonçalves de Magalhães nada acrescentou em termos de argumentação crítica pessoal. O capítulo terceiro expõe as leis morais que se opõem a frenologia e discute os fundamentos do materialismo e do espiritualismo. O quarto capítulo contempla o problema do fatalismo e da liberdade humana. O capítulo quinto expõe as regras gerais da frenologia. Discute-se ainda, a questão das idéias inatas e da natureza do método frenológico. O capítulo sexto destaca a importância da psicologia no estudo das funções do cérebro. O sétimo dedica-se a uma exposição das faculdades intelectuais e morais primitivas, segundo Gall. O capítulo oitavo analisa a distinção entre as faculdades intelectuais, os sentimentos e as inclinações. Critica-se a classificação frenológica. O capítulo nono focaliza a questão do amor físico. Aqui se registram considerações acerca das funções do cerebelo. O capítulo décimo aponta para os sentimentos e focaliza a teoria dos sentimentos morais. O capítulo décimo primeiro está dedicado à análise da defesa própria e estuda a disposição para a luta. O suicídio e o homicídio ocupam parte do décimo segundo capítulo. O décimo terceiro aponta para os motivos que fazem o homem ocultar a verdade e distingue entre várias espécies de virtudes e vícios. O décimo quarto ressalta a importância de se estudar no homem e não nos animais os padrões de comportamento que nele se registram. O décimo quinto analisa o desejo de estima e de aprovação, bem como outros tipos de fenômenos como a ambição, a vaidade, a inveja, etc. O décimo sexto centra-se no estudo do temor ao perigo e analisa o instinto de conservação. O décimo sétimo estuda o instinto e a inteligência nos animais. O décimo oitavo investiga as condições que sustentam o talento musical. O décimo nono centra-se no talento poético. Sustenta-se que a linguagem da poesia é a mesma que aparece dando forma ao pensamento filosófico. O vigésimo estuda a diferença entre a inteligência e a sensibilidade. Analisa-se o conceito de consciência. Estuda-se o problema do

sonho. O vigésimo primeiro estuda a impossibilidade de se designarem órgãos para as faculdades intelectuais: O tema da frenologia revela-se, aqui, central. O vigésimo segundo propõe um extenso estudo da percepção e analisa as diferenças entre percepção e conceituação. O vigésimo terceiro estende-se sobre as condições da memória e analisa o fenômeno do esquecimento dos atos no sonambulismo. O vigésimo quarto centraliza-se no estudo da imaginação e disserta sobre o problema das imagens. Finalmente no capítulo vigésimo quinto analisa-se a impotência do materialismo na resolução dos grandes problemas filosóficos. Gonçalves de Magalhães, já no final do livro faz profissão de fé em uma perspectiva racionalista ao afirmar que a verdadeira ciência não é produto da vista e do tato, mas expressão da razão humana ao elevar-se ao nível da razão divina.

Com todas as objeções que se possam fazer à obra "A alma e o cérebro", a verdade é que Gonçalves de Magalhães merece ser considerado pelo espírito crítico de seu trabalho, um verdadeiro pioneiro da psicologia como o foi, também, da filosofia no Brasil. Esse fato mostra que o julgamento de Farias Brito acerca da inexistência de qualquer contribuição ao pensamento psicológico no século passado foi excessivamente rigoroso.

BIBLIOGRAFIA

A. B. "A alma e o corpo". A última obra do Sr. J. D. Gonçalves de Magalhães, 1877. Rio, Tipografia Americana.

CASTELO, J. Aderaldo. Gonçalves de Magalhães (Trechos escolhidos), Agir, Rio de Janeiro, 1961.

GONÇALVES, de Magalhães, D. J. Fatos do Espírito Humano, editado em Paris, pela Editora Garnier, em 1858. Traduzido logo em seguida (1859) para o francês por H. Plon.

A alma e o cérebro, estudos de psicologia e fisiologia. Rio de Janeiro, Garnier, 1876. O livro foi composto em Roma.

GUIMARÃES, A. Côrtes. O Ecletismo de Gonçalves de Magalhães in Convivium, 4/82, pags- 324/334.

LINS, Ivan. Visconde de Araguaia, in Caderno nº 4 da Academia Carioca de Letras, Sauer, 1943.

MERQUIOR, J. G. De Anchieta a Euclides. Breve História da Literatura Brasileira, L.J. Olímpico Editora, Rio de Janeiro, 1977.

NILTON CAMPOS E A DIVULGAÇÃO DO MÉTODO FENOMENOLÓGICO E DO GESTALTISMO

Sobre Nilton Campos (1898-1963), apresentamos breves comentários no primeiro capítulo do presente texto. A ele nos referimos, também, no segundo capítulo, quando discutiremos sobre a produção científica do laboratório de Psicologia da Colônia de psicopatas do Engenho de Dentro. Foram, contudo, comentários ligeiros que apenas visaram a por em destaque sua adesão ao método fenomenológico e ao gestaltismo. Cobriam, também, duas contribuições com as quais marcou o início de sua carreira: (1) sua pesquisa, como colaborador de Radecki, sobre a influência do material esquecido sobre os processos associativos de natureza voluntária; (2) seu relatório da viagem que, com Radecki e mais os Drs. Flávio Dias, Artur Fajardo da Silveira e Antonio Moniz de Aragão empreendeu à Europa, com visitas aos grandes centros universitários de Paris, Bruxelas, Louvain, Colônia, Bonn, Berlim, Varsóvia, Cracóvia, Viena, Munich e Genebra. Ambos se encontram publicados nos "Annaes" da Colônia de psicopatas correspondente ao ano de 1928. O primeiro trabalho mereceu, inclusive, uma citação no estudo sobre "Memory", de John A. Mac Geoch, publicado no "Psychological Bulletin" de 1930, vol. 27, nº 7. De qualquer modo, foram excessivamente reduzidas as informações que apresentamos sobre aquele que foi, durante três anos, nosso mestre e com quem tivemos a satisfação de colaborar, na condição de assistente, ao longo de dezesseis anos consecutivos no ensino da cadeira de psicologia do Departamento de Filosofia da Faculdade Nacional de Filosofia, cadeira que, afinal, foi por nós ocupada em sua sucessão, em 1964. A decisão de lhe dedicar um capítulo nos pareceu um ato da mais pura justiça, pois, na verdade Nilton foi, ao lado de Lourenço Filho, a mais brilhante expressão do ensino universitário da psicologia até o momento de sua morte. Na verdade, era um expositor extremamente organizado e erudito.

Nascido em 23 de agosto de 1898, nesta cidade Nilton formou-se em medicina em 1924, logo se dedicando à psiquiatria. O encontro com o professor W. Radecki ocorre no ano seguinte, quando ingressou como assistente do laboratório

rio de psicologia da Colônia de psicopatas no Engenho de Dentro. Sua vinculação à Colônia estendeu-se de 1925 até 1937 com apenas duas interrupções: a primeira, quando, sob a direção do professor Radecki, empreendeu a viagem de estudos à Europa; a segunda, de 1931 a 1933 quando se fixou em São Paulo, fundando e dirigindo o "Instituto Médico-pedagógico Paulista", em colaboração com Joaquim Penido. Tal instituição estava voltada para a assistência a excepcionais e sua atuação foi modelar, segundo nos relata Lourenço Filho, que na verdade o visitou várias vezes e a ele fez referência no discurso que pronunciou por ocasião da posse de Nilton na cadeira de psicologia do Departamento de Filosofia da Faculdade Nacional de Filosofia.

Assinale-se que estada de Nilton em São Paulo ainda lhe proporcionou a oportunidade de ajudar a fundar a Sociedade de Neuro-psiquiatria paulista. Retornando ao Rio, Nilton já em 1934 dirige o Serviço neuro-psicológico da Secretaria de Saúde e Assistência a psicopatas do Distrito Federal. Em 1935 foi designado Diretor do Instituto de Psicologia da Assistência a psicopatas, mantendo-se nesse cargo até 1937. Foi, ainda, neuropsiquiatra do Serviço de neuro-psiquiatria da Secretaria de Saúde e Assistência, de 1933 a 1938.

Sua produção científica distribui-se em duas fases distintas: (1) a primeira é marcada por trabalhos de natureza quase exclusivamente neuropsiquiátrica; (2) a segunda centra-se em temática psicológica, exprimindo preocupações nitidamente filosóficas. Claro que sua iniciação na psicologia ocorre durante o início da primeira fase quando, conforme ele próprio ressalta, recebeu excelente e dedicado treinamento em técnica de pesquisa dado por Radecki. A essa primeira fase pertencem seu trabalho de natureza experimental conduzido em colaboração com o mestre e a monografia intitulada "Psicologia da Vida Afetiva" (Ensaio crítico e analítico baseado no sistema do discriminacionismo afetivo de Radecki). Constituído de seis capítulos e cobrindo um total de 113 páginas, nele se registram, em página final, seus agradecimentos ao mestre e a alguns companheiros do laboratório e da Faculdade de Medicina. Vale a pena a transcrição: "Eis-me, finalmente, no mais afetivo de todos os capí-

tulos deste trabalho, porque vaso os meus maiores agradecimentos aos eforços que o professor Dr. W. Radecki, diretor do laboratório, vem empreendendo, há mais de cinco anos, em favor de minha formação e consagração em psicologia, no Brasil e durante a nossa estada na Europa, culminando no apoio a este ensaio. Também grato me sinto infinitamente aos meus companheiros de laboratório: Dra. Halina Radecka, D. Lucília Tavares, Drs. Ubirajara da Rocha, Arauld Bretas, Alberto Moore, A. Bulhões Pedreira e Euryalo Cannabrava. Em particular, exprimo os meus sentimentos de gratidão aos meus colegas Drs. Jorge de Moraes Grey, Oswaldo Guimarães, Paulo Schirch, Mendonça Castro, pelos grandes serviços que me prestaram. Especialmente agradeço, com profunda veneração a D. Hilda Higgins Imenes, o auxílio precioso de sua colaboração relativa à redação". Ressalte que Dona Hilda Higgins Imenes logo se tornou sua esposa, acompanhando-o em toda a sua trajetória intelectual, com admirável dedicação.

À primeira fase de sua produção científica pertencem os seguintes trabalhos, obviamente descartando-se por desnecessária, a inclusão de seu trabalho de pesquisa e de sua monografia sobre a vida afetiva: (1) contribuição ao estudo da etiopatogenia do exzema pela prova endocrinológica de Parisot e Richard, publicado nos "Annaes" da Colônia de psicopatas, vol. 2 de 1929; (2) Discurso de recepção ao professor Wolfgang Kohler, Diretor do Instituto de psicologia da Universidade de Berlim, no Mackenzie College, de São Paulo, em 1930, publicado nos principais jornais paulistas; (3) A psicologia em face da psiquiatria, criminologia e da pedagogia, conferência realizada em São Paulo, em 1930; (4) Psicologia da Estrutura, vol. 1º da Revista "Política", editado em S. Paulo, em 1932; (5) Cinco conferências sobre a nova orientação no estudo da vida afetiva, curso de extensão universitária dado na Universidade do Brasil, hoje, Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 1933; (6) Carater e personalidade da criança: relatório do tema da Conferência de proteção à infância, em 1933; (7) O problema médico-pedagógico da assistência aos menores abandonados e delinquentes, relatório apresentado à referida conferência de proteção à infância, em 1933; (8) Ensaio de Análise estrutural somato-psíquica na esquizofrenia, Boletim da Secretaria de Saúde e Assitência, nº 2, de 1934; (9) Projeto do código

criminal do Brasil e as ciências médicas, Arquivos do Ministério Judiciário, nº 1 e 2, de 1936; (10) Estado atual dos estudos sobre a etiologia geral da epilepsia, Boletim da Secretaria de Saúde e Assistência, nº 4, 1936; (11) Processos científicos e pesquisa da veracidade nos depoimentos, duas conferências realizadas na Sociedade Brasileira de criminologia, em 1937; (12) Mentalidade primitiva, publicado em Ata Médica, nº 1, 1938; (13) Estados súbitos de excitação psicomotora, conferência radiofônica na "Hora médica do Brasil", em 1938; (15) Eletroencefalografia, publicado em Ata Médica, de 1938.

À segunda fase como assinalamos, mais caracterizada por produções científicas no domínio da psicologia, pertencem os seguintes trabalhos: (1) Os fundamentos positivos da psicologia moderna. Boletim da Secretaria de Saúde e Assistência, nº 3, de 1935; (2) As aquisições da moderna psicologia, Boletim da Secretaria de Saúde e Assistência, nº 6, de 1938; (3) Aspectos da psicologia, Boletim da Secretaria de Saúde e Assistência, nº 7 de 1938; (4) Exame psicológico da personalidade, Revista do I.R.B., nº 2 de 1940; (5) Fundamentos da Análise científica da vida afetiva, Anuário Brasileiro de Medicina de 1940; (6) O Método fenomenológico na psicologia, tese de concurso de cátedra editada em 1945 e defendida em 1948; (7) Fundamentals of the Phenomenological Attitude in Modern Psychology, monografia nº 1 do Instituto de Psicologia, publicada em 1948; (8) O Modelo mecanicista do Behaviorismo de Watson, Anuário do Instituto de Psicologia da Universidade do Brasil, editado em 1951, contendo os doze números do Boletim do Instituto de Psicologia que começou a ser editado nesse mesmo ano; (9) La légitimité de la méthode introspective dans la psychologie moderne, monografia do Instituto de Psicologia, nº 8, 1951; (10) A Teoria das estruturas isomórficas na psicologia fisiológica gestaltista, Anuário do Instituto de Psicologia, 1951; (11) A teoria binária da percepção, Anuário do Instituto de Psicologia, 1951; (12) A influência do pensamento de Dilthey na evolução da psicologia como ciência autônoma, Anuário do Instituto de Psicologia, 1951; (13) O problema das relações entre a Neurologia e a Psicologia, Anuário do Instituto de Psicologia, 1951; (14) O problema da existência da realidade transfenomenal,

Boletim do Instituto de Psicologia da Universidade do Brasil, 1952, nº 7 e 8; (15) O problema da autonomia dos conceitos de personalidade e de comportamento, na pesquisa psicológica atual, Boletim do Instituto de Psicologia, 1952, nºs 11 e 12; (16) Natureza dos constructos hipotéticos neurológicos utilizados na psicologia científica, Boletim do Instituto de Psicologia, 1953, nºs 7 e 8; (17) Diferença entre descrição e explicação no estudo da psicologia, Boletim do Instituto de Psicologia, 1953, nºs 11 e 12; (18) Antecedentes filosóficos do isomorfismo gestaltista, Boletim do Instituto de Psicologia, 1954, nºs 3 e 4; (19) Limitações das teorias naturalistas da personalidade humana, Boletim do Instituto de Psicologia, 1955, nºs 1 e 2; (20) Algumas considerações sobre a psicologia científica do pensamento, Boletim do Instituto de Psicologia nºs 9 e 10; (21) Sigmund Freud, Boletim do Instituto de Psicologia, 1956, nº 5 e 6; (22) Humanismo e economia, aula inaugural, Boletim do Instituto de Psicologia, 1958, nºs 3 e 4; (23) Importância e significado da análise fenomenológica no estudo das ciências, Boletim do Instituto de Psicologia, 1958, nºs 7 e 8; (24) Filosófica e Ciências positiva, Boletim do Instituto de Psicologia, 1959, nºs 1 e 2; (25) Aspectos psicossociais do problema da produtividade, Boletim do Instituto de Psicologia, nºs 7 e 8; e (26) A ética através dos tempos curso de ética médica do Conselho Regional de Medicina, publicação da Universidade do Brasil, 1960.

É curioso que um homem que iniciou sua carreira na psicologia através de longo treinamento em pesquisa experimental, conforme ele próprio assinalou, tivesse, após seu afastamento de Radecki que, em 1932 troca o Rio por Buenos Aires, abandonando as atividades de laboratório e, sobretudo após a década de quarenta, se concentrado em temática psicológico-filosófica. Ele próprio, contudo, nos esclarece, no prefácio que redigiu para sua tese sobre "O Método fenomenológico na psicologia", efetivamente redigida em 1945 e só levada a exame em 1948 quando, como registramos, conquistou a cátedra efetiva de psicologia que integrava o Departamento de Filosofia da Faculdade Nacional de Filosofia. Essa cátedra, de resto, ele já a exercia interinamente desde 1944 quando se deu o afastamento do professor André Ombredane. Vale a pena transcrevê-lo: "A responsabilidade assumida ao publicarmos uma tese destinada ao concurso para provimen

to efetivo da cátedra que exercemos interinamente obrigamos a justificar a escolha do assunto deste trabalho. A longa atividade no antigo Laboratório de Psicologia da Assistência a psicopatas, a partir de 1925 até 1937, interrompida por uma viagem de estudos à Europa, em 1927 e por uma missão profissional em São Paulo, no ano de 1931, deu-nos algum tirocínio no campo da investigação experimental e no da prática neuropsiquiátrica. Algumas pesquisas bem acolhidas pela crítica estrangeira haviam também servido para prosseguirmos no trabalho de concorrer humildemente para o desenvolvimento da psicologia científica no Brasil. Após o nosso afastamento da direção do atual Instituto de Psicologia da Universidade do Brasil iniciamos o exercício do magistério superior, na Faculdade Nacional de Filosofia, orientando a cátedra de Psicologia Educacional, como substituto do titular, professor Lourenço Filho. Finalmente, em 1944, fomos honrados com a nomeação interina para a cátedra de psicologia do curso de filosofia. Meditando sobre os objetivos primordiais do ensino da psicologia em um curso de filosofia, afastamos, desde logo a idéia de um trabalho experimental, pois julgamos que o espírito da cátedra impunha, antes, a escolha de um assunto de natureza não técnica. A circunstância de termos presidido um Seminário de estudos fenomenológicos determinou, afinal, a preferência pelo tema de nosso trabalho. A necessidade de consultar as fontes originais das obras de Brentano e Husserl foi rigorosamente satisfeita, graças à presença, entre nós, do Dr. Achim Fuerstenthal, aluno durante quatro anos, na Universidade de Basiléia. do professor Herman Schmalenbach, antigo discípulo de Brentano. Devemos aos Drs. A. Fuerstenthal, L. Ratisbona e W. Zach, os maiores agradecimentos pelas traduções dos textos germânicos, além dos esclarecimentos que tão sabiamente nos proporcionaram. Também agradecemos ao nosso eminente colega da Faculdade de Filosofia, professor Frei Damião Berge, o empréstimo do livro de Franz Brentano "Psychologie Von empirischen Standpunkt", na edição publicada por O. Kraus, em 1924. Expressamos, igualmente, o nosso reconhecimento pela preciosa colaboração de nossos colegas Drs. Benjamin Gaspar Gomes, Julio Paternostro e da licenciada, professora Lúcia M. Pinheiro. Pela gratidão que devemos à esposa, reanimando-nos sempre em todos os momentos em que ficamos mentalmente

prostrados, encerramos a série de nossos impercíveis agradecimentos. Lamentamos não ter obtido algumas obras que contêm estudos relacionados com o nosso trabalho, principalmente o livro de Titchner "Systematic Psychology" e o de Stout "Analytic Psychology". Seja a nossa modesta contribuição uma homenagem que, na pessoa de Edmund Husserl, prestamos a todos os intelectuais que foram vítimas da intolerância política deste século, porque defendiam os princípios da dignidade humana. Lembramos, com profundo respeito pelo grande pensador, as palavras com que proclamou a eternidade espiritual do homem: "Cogito, ergo sum, isto é, eu sinto sub-specie aeterni meu direito de viver. A aeternitas jamais será atingida por qualquer poder terreno".

Fica bastante claro nesse prefácio que a grande motivação de Nilton Campos pelos estudos centrados em temas mais teóricos e filosóficos resultava do fato de estar lecionando psicologia em um Departamento de Filosofia. Não lhe parecia pertinente o desenvolvimento de um ensino mais voltado para a pesquisa experimental, na verdade, muito mais adequado num curso totalmente dedicado à formação de psicólogos, curso que só será instalado na Faculdade Nacional de Filosofia, em 1964, após portanto, sua morte e quando já ocupávamos interinamente a cadeira que lhe pertencerá. Durante os dezenove anos em que regeu a cátedra de psicologia, seus cursos centralizaram-se no desenvolvimento histórico dessa disciplina, nos métodos científicos por ela utilizados e na análise dos grandes sistemas do século atual.

Assinale-se que as preocupações mais teóricas e filosóficas de Nilton encontraram apoio em uma excelente cultura filosófica construída através de uma leitura muito refletida dos grandes pensadores que marcaram a história do pensamento ocidental. A fenomenologia de Husserl, ele a dominava bem, não só pelo conhecimento direto dos textos principais do grande filósofo, como pela leitura de seus grandes expositores, como M. Farber, por exemplo.

No domínio estrito da psicologia revelou, desde cedo, certo empenho em estudar o movimento gestaltista e os trabalhos de Wertheimer, Kohler e Koffka constituíram leitura permanente e intensamente refletida. De Kohler, obte-

ve, inclusive, o prefácio para o seu primeiro trabalho mais extenso, ou seja, para sua "Psicologia da Vida Afetiva" e, como registramos, coube-lhe fazer o discurso com que o grande professor de Berlim foi recebido em 1930, no Mackenzie College, de São Paulo. Seu entusiasmo pelos trabalhos do grande mestre o levou a copiar integralmente o texto de uma conferência por ele realizada no Colégio de França, em 1929 sob o título "Les forces motrices du comportement". Essa cópia nós a guardamos como lembrança que nos foi dada por Nilton.

Entrementes, sempre pesou sobre Nilton certa suspeita de que cultivava um tipo de psicologia centrado no método introspectivo. Para essa suspeita ele próprio possivelmente concorreu com o terceiro capítulo de sua tese intitulado "Legitimidade do método introspectivo". Esse título que sugere certo regate do método já abandonado pela psicologia científica, reaparece em trabalho publicado em 1951 como monografia nº 8 do Instituto de Psicologia. Nessa oportunidade escreve, em francês, o trabalho "La légitimité de la méthode introspective dans la psychologie moderne". A confusão pode ser desfeita, contudo, através de uma leitura mais atenta de sua tese, não obstante se poder detectar nela algumas afirmações que, por certo, poderiam ser evitadas. Referimo-nos ao trecho das páginas 68 / 69 quando Nilton escreve: "Um dos argumentos da célebre crítica de Wundt contra o valor científico do método introspectivo fundou-se no critério de que ele não satisfazia a condição indispensável de o observador poder ver diante de si, os fatos em observação. Tal exigência, entretanto, é perfeitamente obedecida quando conceituamos o método introspectivo do ponto de vista fenomenológico. Até mesmo o suposto caráter subjetivo da investigação é considerado insubsistente por Kohler. Todas as objeções contrárias ao valor científico do método introspectivo têm de cessar diante dos critérios fenomenológicos, que vêm restaurá-lo como um dos recursos imprescindíveis de pesquisa psicológica". Vê-se que Nilton fala de uma interpretação fenomenológica da introspecção clássica. Sobre esta reproduz as grandes objeções que lhe foram propostas, dando-lhes pleno aval. O que propõe é um outro tipo de introspecção, ou seja, uma introspecção interpretada fenomenologicamente operando al-

go parecido com o que Binet e Kulpe pensaram quando propuseram uma "introspecção experimental".

Pessoalmente não avalisamos a tese de Nilton, na medida em que, efetivamente, existem imensas diferenças entre os procedimentos fenomenológicos utilizados por Husserl e o método introspectivo. O próprio Nilton se refere a eles em vários momentos de sua tese. Na Verdade enquanto a velha psicologia introspectiva trabalhava com o conceito de subjetividade, a fenomenologia opera com o de intencionalidade, isto é, com o conceito que opera com a noção de consciência como aberta para o mundo, sendo mesmo como assinalou Sartre, a sua própria presença. Por outro lado, enquanto o método introspectivo realiza um trabalho analítico, o método fenomenológico investe no conceito de estrutura. Nilton, inclusive, sublinha esse aspecto na página 17 de sua tese, quando escreve: "A investigação fenomenológica não emprega nenhum método de análise dissociativa. Não dissecar artificialmente a realidade para reduzi-la a elementos últimos. Limita-se a respeitar os fatos em seu aparecimento original, observando-os como eles são em si mesmos". Finalmente, enquanto o método introspectivo está preocupado com o singular, o método fenomenológico volta-se para a captação das essências, procedendo para tanto a técnica das reduções. Há ao nosso modo de ver, uma incomensurabilidade entre os dois métodos e falar de uma "introspecção fenomenológica" pode ser um recurso perigoso para efeito de se alcançar um claro entendimento dos objetivos de Husserl. De qualquer forma, Nilton estava e sempre esteve muito consciente da diversidade envolvendo os dois métodos. A propósito da introspecção clássica, por exemplo, escreve na pag. 65: "Brentano, examinando a fonte do conhecimento dos fenômenos psíquicos, distingue a percepção interna e a observação interior, considerando-as inconfundíveis. A observação interna propriamente dita importa na clivagem da consciência em duas partes existentes simultaneamente; uma observadora e outra observada. Enquanto a experiência imediata da própria vida psíquica é uma realidade indiscutível pelo fato de sua evidência, a observação interna, entendida como um método de desdobramento da consciência em sujeito e objeto simultâneos, é uma indiscutível impossibilidade. A observação interior é somente concebível no sentido de uma retrospectção, pelo recurso da evocação mnemônica. As famosas objeções de Kant, na "Antropolo -

gia" de 1800 e de Comte, no Cours de Philosophie Positive " de 1830, foram opostas contra os critérios introspectivos da psicologia metafísica, que separava uma substância espiritual de seus fenômenos. Daí o absurdo de ser a alma capaz de observar serenamente suas próprias manifestações emotivas. Na verdade, a consciência vive os seus fenômenos no suceder ininterrupto; jamais poderia deter-se por alguns momentos, para transformar-se em um posto de observação de seus próprios atos, como se estes fossem um objeto à parte. Tal como seria impossível alguém, atirado no espaço, parar em sua queda. Nada impede, porém, que o indivíduo tenha a nítida percepção de seu deslocamento, como na situação de um paraquedista. Também somos conscientes da mobilidade do nosso espírito, mas não podemos dividi-lo em duas fases concomitantes, uma fixa e outra móvel".

Na página 64 volta Nilton a mostrar a impossibilidade de uma observação introspectiva dos atos mentais, escrevendo: "A distinção fundamental entre conteúdo e ato da consciência permite firmar agora o verdadeiro significado da chamada introspecção experimental introduzida por Binet e Kulpe na investigação psicológica das funções superiores. Os dois psicólogos jamais pretenderam ser possível a observação interna dos atos ou funções mentais em exercício, por quanto a análise introspectiva alteraria automaticamente o desenrolar dessa atividade. Somente a análise retrospectiva seria viável, mas teria precário valor científico por causa da falibilidade da memória". E logo a seguir: "Assim, a introspecção consiste em realidade na observação de conteúdos ou objetos do pensamento e nunca atinge os próprios atos de pensar". A rejeição do método introspectivo é ilustrada, ainda, com uma referência à posição de Kohler, a qual se segue o seguinte comentário: "Destacamos especialmente as proposições onde Kohler reconhece, de modo nítido, que a visão introspectiva não se exerce sobre a própria operação do espírito, mas apenas se concentra sobre alguma coisa que constitui um conteúdo distinto e colocado diante da operação mental investigadora" (pag. 58).

Parece claro que Nilton, de modo algum manifestava entusiasmo pela introspecção. De qualquer modo ressaltou a possibilidade de se resgatá-la através de uma interpretação

fenomenológica. É, todavia, certo que a perspectiva fenomenológica distancia-se da atitude introspectiva. Apoia-se, insistamos, no caráter intencional da consciência, ou seja, na definição da consciência como instância essencialmente aberta e voltada para objetos. Claro que não apenas para objetos materiais. Também para os ideais, numa convergência com a posição de Meinong. Escreve Nilton à pag. 19: "A investigação fenomenológica funda-se na consideração da realidade de todos os seres, sejam propriamente reais, so sentimento de rerum natura, ou puramente ideativos. Para Husserl, a representação mental de Jupiter, apesar de ser uma ficção, é um objeto real da consciência". E citando à pag. 43 o próprio Husserl, escreve: "O psicólogo moderno entende por vivência os acontecimentos reais (Wundt disse com razão os processos). Neste sentido são vivências ou conteúdos de consciência as percepções, as representações da imaginação e da fantasia, os atos do pensamento conceptual, as percepções e as dúvidas, as alegrias e as dores, as esperanças e os temores, os desejos e volições, etc, tal como têm lugar em nossa consciência. E com estas vivências em sua integridade e plenitude concreta são vividas suas partes componentes e seus momentos abstratos; também estes são conteúdos reais da consciência".

Nilton recorre a Kohler expondo o ponto de vista da Escola Gestaltista sobre a validade da experiência direta ou sobre o que Koffka denominou "percepção das vivências": "Pela descrição da experiência direta o psicólogo espera apreender não somente um registro ordenado de todas as possíveis variedades dessa experiência, mas também a grande quantidade de informações sobre as relações funcionais entre esses eventos. Ele visa mesmo a formulação de leis governando o fluxo da experiência direta" (pags. 48/49).

Em função do conceito de experiência direta e, particularmente, com base no conceito de percepção interna nivelada à externa, todo objeto se põe diante da consciência, garantindo-se a objetividade no descrevê-lo. Este ponto parece-nos extremamente importante e ele não escapou ao registro de Nilton. Assim é que, à pag. 20 rapidamente menciona a tese de Taine, centrada na afirmação de que a percepção externa é uma alucinação e logo transcreve trecho de Husserl: "Não vemos sensações de cor, mas coisas coloridas;

não ouvimos sensações de som, mas a canção de um cantor". E comenta Nilton: "A investigação fenomenológica opõe-se radicalmente ao pensamento de Taine, porque não só admite a realidade da percepção externa, mas também a própria objetividade dos conteúdos alucinatorios". O comentário é absolutamente correto embora nos queira parecer pouco adequado falar-se em conteúdo da consciência, pois que fica sugerida a falsa idéia de que ela possa ser concebida com um repositório de objetos. Já assinalamos que a consciência na verdade, se defronta com objetos que estão diante dela.

O que é importante é a demonstração, através deste rastreamento da reflexão de Nilton, de que ele em nenhuma hipótese confundiu o método introspectivo com o método fenomenológico, até porque este se integra de outros aspectos totalmente estranhos ao velho método da psicologia subjetiva.

No desenvolvimento deste texto dissemos que os trabalhos de Nilton poder-se-iam classificar em dois grandes grupos exprimindo duas fases diversas: (1) os de natureza predominantemente psiquiátrica; (2) e os de natureza essencialmente psicológica. Pois, em termos de carreira científica, também se revela inteiramente válida a distinção entre 1º) a fase em que exerceu a neuropsiquiatria e 2º) a que marcou sua adesão por inteiro à docência. Neste segundo período Nilton colaborou em várias instituições. Assim é que foi: (1) professor de Psicologia e Lógica do Colégio Pedro II (1937); (2) prof. de Psicologia do Curso complementar da Faculdade de Medicina (1937/38); (3) prof. de Psicologia da Escola de Enfermeiras Alfredo Pinto, do Serviço Nacional de Doenças Mentais (1937/38); (4) prof. Catedrático de Psicologia Educacional da antiga Universidade do Distrito Federal (1938/39); prof. Catedrático de Psicologia Educacional da Faculdade Nacional de Filosofia (1939/44); prof. Catedrático de Psicologia da Faculdade Nacional de Filosofia (1944/63) e prof. Catedrático de Psicologia Social e Econômica desde a fundação dessa Unidade.

Como dissemos Nilton não viveu o tempo necessário para realizar a implantação do curso de psicologia da Faculdade Nacional de Filosofia. Coube-nos, na verdade, essa honra em 1964 quando, juntamente com o professor Eliezer

Schneider, que o substituiu interinamente no Instituto de Psicologia, o organizamos e o pusemos a funcionar, cabendo-nos, ainda, a honra de coordená-lo até 1967 quando ocorreu a extinção da Faculdade Nacional de Filosofia e o curso se trasladou para o Instituto de Psicologia.

BIBLIOGRAFIA

CAMPOS, Nilton. Psicologia da Vida Afetiva, Estudo crítico e analítico baseado no sistema do discriminação nacionalismo afetivo de Radecki, Rio de Janeiro, 1930.

O Método Fenomenológico na Psicologia- Rio de Janeiro, 1945.

Boletim do Instituto de Psicologia, Ano XIII, nºs 9/10 de 1963.

Como dissemos Nilton não viveu o tempo necessário para realizar a implantação do curso de psicologia da Faculdade Nacional de Filosofia. Contudo, na verdade, essa honra em 1964 quando, juntamente com o professor





N.Cham. P/ISOP CPGP T 7

Autor: Penna, Antonio Gomes,

Título: Historia da psicologia: apontamentos sobre as



00054270

34804

FGV - BMHS

Nº Pat.:118/89

